Textos de Victória De Angelis - Disciplina PORT 290 (Patrícia Lino, UCLA)

[1]

quando é que a cama   
se tornou   
não uma cama mas   
sim uma placa   
tectônica   
em que abalos sísmicos atingem 9,5   
e dão conta de abrir   
não outras coisas mas   
sim uma cratera   
bem aqui   
entre   
nós?

[2]

tá tudo bem mas o edredom   
e meu corpo seu corpo  
 separados. um pano?

tá tudo bem mas o som   
da sua respiração o silêncio  
dos meus pensamentos. um pano

tá tudo bem mas o fundo  
dos seus olhos e o que salta  
dos meus. um plano

tá tudo bem mas eu   
ainda passo   
pano você   
ainda tece   
panos de fundo   
e fundamos   
planos   
sondamos   
nós

até onde vai esse pano?

**escrevo às ordens**

escrever, começar, esperar

escrever, esperar, começar

começar, esperar, escrever

**Cresce onde corta**

entrei naquele uber a caminho do hospital pensando em adiantar tarefas: uma típica urbana atrapalhada e surda. não tinha nem fechado a porta quando o motorista perguntou se eu iria trabalhar. com o avental na mão e o destino endereçando o tradicional hospital de classe média alta da cidade, não haveria como negar. uma trabalhadora da saúde, um trabalhador de transporte por aplicativo, e a pandemia.

o moço perguntou sobre a vacina: já tomou, foi qual, teve reação? com medo de ouvir qualquer fanatismo ideológico por sua parte, respondi cheia de dedos — nem valorizar nenhuma vacina em especial, nem denotar tranquilidade quanto a estar vacinada. isso que a gente tem chamado de um certo cuidado nos diálogos... ele perguntou se eu achava que isso tudo melhoraria, ou se, no próximo ano, teríamos que passar por tudo de novo. era tudo por causa do avental branco, pensei: o moço estava afobado por respostas técnicas, que carregassem um tranquilizante tom de verdade. nem mencionou o miliciano. apenas queria saber se a vida seria menos estranha... falei menos sobre o estranho ou sobre a vida, e mais sobre a tal da ciência: estudos que demandam mais tempo, cartilhas, recomendações, imunização coletiva e novas variantes. conclusão: não se sabe, mas é preciso paciência.

*"você perdeu algum parente?".* estranho como essa pergunta não soa fora de contexto; pelo contrário: hoje em dia, sabe-se muito bem e muito automaticamente localizá-la no tempo, na História, em nossa vida. respondi que havia perdido somente um parente distante. na verdade, não perdi, mas o mal-estar pelo privilégio me fez incapaz de sinceridade naquele momento. perguntei sobre ele. *"meu pai... faz 8 meses".*

o dia dos pais havia sido no dia anterior, e já são 8 meses que o moço está sem pai*. "meu pai era minha referência, meu pai era tudo pra mim... mas eu não pude nem estar lá*". o moço e sua família são do Pernambuco, e o pai ainda morava por lá. já ele, o filho, migrou para São Paulo, em busca da tal melhor vida. tem vivido como dá, mas agora se ressente muito por ter vivido longe. *"a pior parte é você não poder ir no enterro, não poder ver*". ele tentou, mas não teria como chegar a tempo... existiam protocolos pandêmicos, e a família precisou submeter-se à mísera pouca hora que lhes foi dada para a despedida. como ele se chamava, eu perguntei. *Severino*. e sua mãe, perguntei. riu, tragicamente, num semblante de desamparo. sua mãe morrera havia tempos, com 46 anos de idade. tão inadvertidamente quanto a morte dos pais, o moço agora passara a declarar-se órfão. tem irmãos? "*pra contar nos dedos você já se perde, de tanto filho”.* tem muita gente pra se lembrar.

ele ainda não conseguia assimilar que o pai realmente morrera. é a coisa do corpo... não sei o que tem nisso do corpo que faz a gente acreditar ou não na vida. foi o que ele disse: "*sabe que pra mim ainda é muito estranho, é como se ele não tivesse morrido de verdade, porque eu não vi"*. lembrou da mãe: morreu de repente, mas teve velório, enterro e tudo o mais. quando viu sua mãe no caixão, não viu morte: "*não sei explicar, era como se ela estivesse dormindo"*. a chave virou, segundo ele, quando viu a terra caindo por sobre o caixão e o corpo. a terra delimitara um certo fim.

depois, o moço falou: “*tem um vazio muito grande no meu peito, mas eu sei que é coisa de se preencher”*. quis psicanalisar, dizer que vazio não se preenche, mas se contorna. apenas silenciei, escutei. me pediu desculpas por me *amolar*. fui ao dicionário, num outro momento, ainda bagunçada pela conversa. que é amolar?

1. *tornar cortante por fricção; afiar* [a faca, os cortes]
2. *tornar perspicaz; aguçar, atilar, avivar* [a iminência da morte amola a urgência da vida]
3. *Causar ou sofrer aborrecimento; agastar(-se)*
4. *Meditar sobre o que leu, percebeu, ouviu*. [a dor faz amolar sobre as perdas]

o moço achou que estivesse me aborrecendo, mas, na verdade, sua urgência produziu outras amolações: por fricção [da dor], suas palavras me aguçaram a humanidade.

eu disse: gosto de escutar, e agradeço pela partilha, pela abertura dessa história. disse achar bonito como ele falava da relação com as filhas: vontade de estar presente, de não deixar vazios, porque ele mesmo se deparou com tantos... ele falou que queria muito que as filhas tivessem conhecido a avó. e eu sugeri que ela estava presente na forma como ele se relacionava com elas, na forma como ele vai sendo pai. a memória faz essas coisas, junto com o amor, às vezes.

então, ainda falando dessa dor, desse luto, dessas perdas, dessa iminência de desamparo, ele fez um corte. uma amolação necessária. disse: "é que essas coisas não são história; são realidade".

é onde corta, afinal, que cresce.